

Veja
8/4/87 Pg 98-99
86

Petróleo

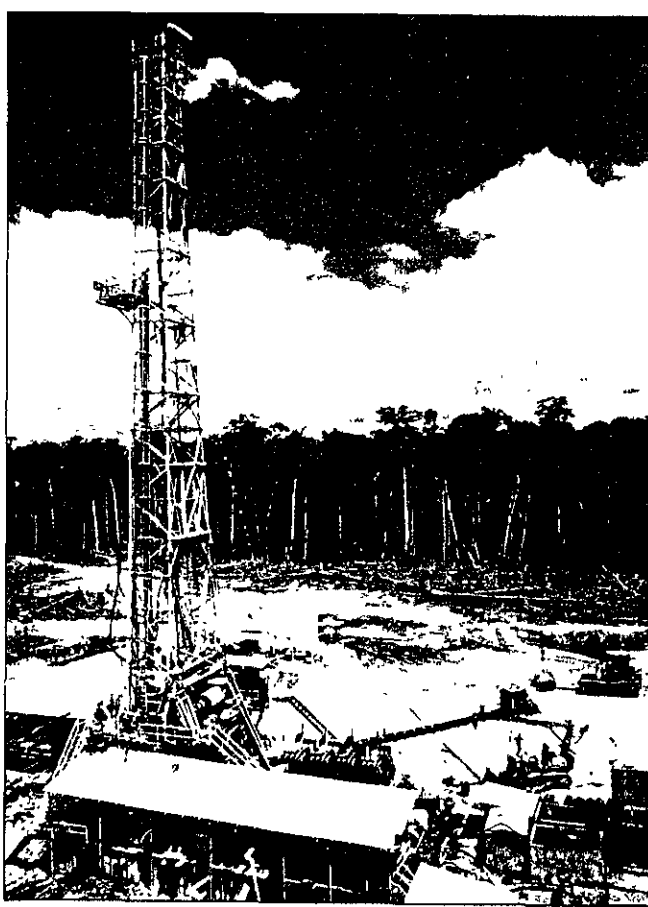
Esperanças em terra

A Petrobrás confirma a descoberta de nova jazida no coração da Floresta Amazônica

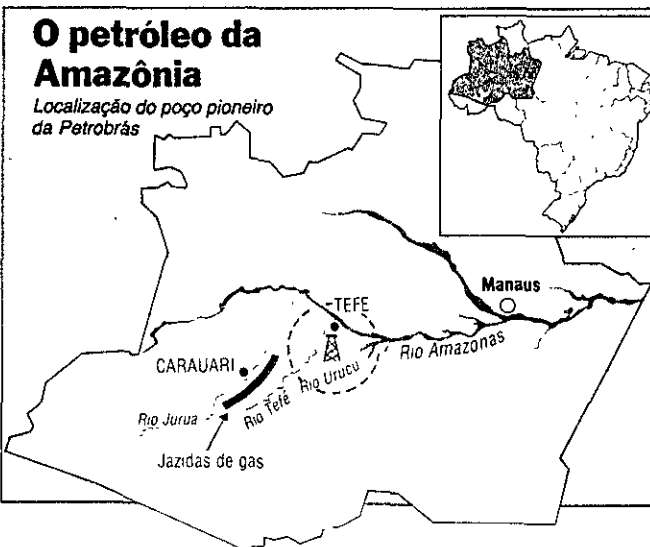
A persistência da Petrobrás em perfurar a Floresta Amazônica em busca de petróleo produziu, na última sexta-feira, a melhor notícia que o presidente José Sarney poderia receber ao fim de uma semana tumultuada pela paralisação dos bancários, na maior greve já deflagrada no país desde 1964, e pela fria recepção do PMDB ao depoimento de seu ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Um telefonema do presidente da Petrobrás, coronel Ozires Silva, às 11 horas da manhã de sexta-feira, pôs Sarney diante da notícia de que uma sonda conhecida pelo código LUC-1 encontrara, após seis meses de perfuração, o que procurava às margens do Rio Urucu, afluente do Solimões, a 400 quilômetros de Manaus — a comprovação da existência de uma grande província produtora de petróleo na Amazônia. Ao que tudo indica este é o mais importante achado da Petrobrás desde a descoberta da Bacia de Campos, no litoral do Rio de Janeiro, em 1974.

Era o coroamento de um trabalho iniciado por outra sonda pioneira, que em outubro do ano passado, a 14 quilômetros da atual perfuração, achara petróleo à vazão de 900 barris por dia, além de 500 000 metros cúbicos de gás. Fora uma descoberta ao acaso, agora confirmada pela segunda equipe de exploração. “Essa é uma grande notícia, uma notícia histórica”, emocionou-se Sarney ao falar a um grupo de jornalistas especialmente convidado ao Palácio da Alvorada para ouvir a novidade, mais tarde anunciada pelas televisões. “É mais um passo para a grande independência de nosso país”, acrescentou. “A estrutura do segundo poço é igual à da primeira, o que nos assegura que estamos com uma nova frente de grande produção de petróleo aberta no Brasil.”

Se comparada à vazão dos super-



O poço LUC-1, no Alto Amazonas: uma jazida nobre



poços da plataforma continental de Campos, que hoje produzem 5 000 barris por dia cada um, a produção inicial dos dois poços do campo de Urucu é modesta. Nesta nova perfuração, o poço amazônico jorrou 200 barris por dia e 150 000 metros cúbicos de gás. O que deixou os técnicos da Petrobrás particularmente animados, porém, foi a excepcional qualidade do petróleo ali encontrado. “Basta dizer que o óleo descoberto na Amazônia tem uma composição aproveitável no trabalho de refino de 40% de produtos nobres, como óleo diesel e GLP, o gás de cozinha”, entusiasma-se Sarney. O óleo produzido na Bacia de Campos, de onde sai 60% da produção doméstica, que já responde por mais da metade do consumo nacional, tem um teor de nobreza de apenas 7%. Urucu produziu mais boas-novas que o presidente poderia esperar. Embora com vazão ainda pequena, a produção destes dois poços amazônicos é a melhor já encontrada nas explorações feitas em terra — que têm a crucial vantagem de custar bem menos, tanto na prospecção como na exploração comercial, que os poços localizados em alto mar.

“SOB MEDIDA” — “Essa descoberta foi feita sob medida para o país”, afirmou Ozires Silva à VEJA na noite de sexta-feira. “Além de ser totalmente aproveitável, o óleo da Amazônia permite o refino dos derivados de que o país necessita.” A produção possível em toda a jazida ainda não está dimensionada, mas os técnicos já prevêem um campo da ordem de 100 quilômetros quadrados. Até agora, o país só contava com as províncias — como são conhecidas as áreas que guardam reservas de petróleo comprovadamente aproveitáveis — de Campos, de Sergipe e da foz do Rio Amazonas. Apesar de todo o otimismo, os técnicos da Petrobrás diretamente envolvidos com os trabalhos de prospecção ainda se mantêm cautelosos — e é natural que assim seja.

A Petrobrás vem procurando petróleo na Amazônia desde 1954 e, até a descoberta às margens do Rio Urucu, só colheira frustrações, a última das quais em Igarapé da Cuia, a 80 quilômetros de Manaus — um poço desativado em agosto do ano passado, oito meses depois de começar a produzir. Sua vazão inicial de 300 barris por dia havia caído para irrisórios cinquenta barris.

Veja
8/4/87 Pg cont.
06

Nem por isso a Petrobrás duvida da existência de um lençol petrolífero no coração da Amazônia — uma convicção que nasceu ainda com Monteiro Lobato na década de 20. A estatal só não tem certeza de que já chegou ao centro da jazida que procura. Tal segurança, segundo Ozires Silva, só será dada após a perfuração de pelo menos mais dois poços. Até então se viverá na expectativa de se saber se já se chegou ao centro da jazida — ou não se passou ainda de suas imediações. É um trabalho no escuro, que envolve personagens anônimos — alguns dos quais chegam a passar até três meses ininterruptos no meio da floresta.

AVENTURA NA MATA — São estes personagens que estão por trás do anúncio que levou Sarney à euforia, horas antes de Funaro iniciar em Washington as negociações sobre a dívida externa — dívida esta formada em grande parte para permitir as importações de petróleo numa época em que a produção nacional era rala e os países produtores cobravam o que queriam. Essas pessoas, divididas entre as bases exploratórias da Petrobrás no interior da floresta amazônica, encaixam-se numa engrenagem que anima uma aventura — o desbravamento da mata, a pesquisa geológica e a perfuração do solo arenoso e imprevisível da região.

O desbravamento é feito por equipes de seis homens, as chamadas turmas de picadas que partem para a mata em helicópteros, o único meio de transporte possível na região — as distâncias são longas demais e os rios da região não são navegáveis. A cidade mais próxima é Tefé, situada a 100 quilômetros do poço LUC-1. Partindo de Porto Gavião, uma base da Petrobrás situada na cidade de Carauari, a 600 quilômetros de Manaus, os peões armam-se dos meios necessários para lhes garantir a sobrevivência na longa jornada: algumas vezes motosserras, espingardas, facões e o "rancho", um saco cheio de bolachas, peixe seco, farinha e carne enlatada.

Mesmo enfrentando intempéries, essas equipes chegam a limpar uma clareira de 1 000 metros quadrados na mata cerrada em apenas uma manhã. "É um trabalho duro, mas não me queixo", diz Adolfo Nascimento, um amazonense de 36 anos, que ganha um salário mínimo como serrador. "Antes, ganhava muito menos trabalhando nos seringais."

Abertas as picadas, é a vez de os técnicos da Petrobrás se embrenharem na mata. Para analisar a composição geológica da área, eles detonam pequenas cargas de dinamite junto ao solo. Com o auxílio de computadores, estudam as vibrações causadas pelas explosões, de modo a traçar o perfil geológico da região. "A pesquisa é um trabalho duro, e sempre voltamos cobertos de lama,



Ozires: "Uma descoberta sob medida"

por causa das chuvas constantes", conta o chefe da equipe de sismologia da Petrobrás em Uruçu, Pedro Campelo.

SOLIDÃO — Os funcionários instalados nas áreas junto às sondas levam uma vida razoavelmente mais confortável. Fincada numa clareira de 3 000 metros quadrados ao centro da qual aloja-se a sonda LUC-1, que completou seu trabalho na semana passada ao chegar ao depósito de petróleo, uma infra-estrutura fora montada para alojar os sessenta homens que ali trabalham. Nela, contêineres estão dispostos para servir de



Fertunes: agora, rumo a outro poço

alojamento, restaurante, aberto 24 horas por dia, e sala de diversões. Todos esses cuidados, no entanto, não são suficientes para amenizar o maior problema, segundo os funcionários dessas equipes avançadas da Petrobrás — a solidão. Os técnicos trabalham ininterruptamente durante quinze dias, sem folga nos fins de semana. O esquema é alternado. Terminado esse prazo, eles retornam a suas casas, geralmente em Manaus e Belém, para um período de descanso também de quinze dias, quando são substituídos por outra equipe de trabalho. "A perfuração não pode parar nunca", diz o maranhense Hélio Ewerton Fertunes, 32 anos, o engenheiro-chefe do poço LUC-1.

Para espantar a solidão, Fertunes desenvolveu na floresta o hábito de ler os livros do escritor colombiano Gabriel García Márquez. "Procurar petróleo na selva é algo que une o realismo à fantasia, como acontece nos livros de García Márquez", teoriza ele. Para Fertunes, a descoberta do petróleo foi um verdadeiro alívio. "Nos dias que antecedem a descoberta, todos ficam com uma tensão muito grande", conta. "Agora, o negócio é arrumar as malas e partir para outra exploração." A sua bagagem não será fácil de arrumar. Antes de partir, ele terá que remover para a nova área um acampamento com toneladas de equipamentos, formados por tratores, guindastes e plataforma. Seu novo endereço já está certo — um novo poço em Igarapé-Açu, a 150 quilômetros do LUC-1, onde a Petrobrás suspeita haver uma jazida de petróleo numa área de 53 quilômetros quadrados.

Nesse local, um terreno alagadiço, cheio de insetos, a movimentação já é intensa. Os helicópteros que entram e saem da clareira já aberta e o constante desembarque de homens da Petrobrás sugerem um cenário de guerra na selva. "As semelhanças da Amazônia com o Vietnã são enormes", afirma o piloto paulista Aurélio Santos, um paulista de 32 anos que conduz seu helicóptero vestido como o ator americano Tom Cruise no filme *Ases Indomáveis* — macacão verde-oliva e capacete da Força Aérea dos Estados Unidos. Dentro de alguns meses, a comparação perderá o sentido. Com a chegada da sonda perfuradora de petróleo, a área sofrerá uma mudança radical. "É difícil acreditar que pedaços desse matagal possam ceder lugar a uma plataforma de exploração", admira-se Alfredo Pereira, geólogo que chefiou a demarcação do poço Igarapé-Açu. Seu otimismo é maior que as dificuldades desse tipo de trabalho. "Se nossas previsões estiverem corretas, este novo poço deverá produzir três vezes mais que todos os outros já explorados na Amazônia", acredita.

ALUIZIO FALCÃO FILHO,
de Uruçu